

# REPORTAGEM

Semanario das  
grandes reportagens

ANO I

4 de Outubro de 1930

Numero 9



OP NESTE NUMERO: «O maior negociante de cabeças humanas»

# GRANDE HOTEL DA BATALHA

Completamente renovado

MANUEL FERRAZ & C. A. L. DA

Magnificas instalações  
Serviço de mesa primoroso  
EXPLENDIDA SALA DE JANTAR  
TELEFONE, 247

Higiene e conforto

P. DA BATALHA = PORTO

**MANUEL JOAQUIM BARBOSA**

PAPEIS, ARTIGOS GRAFICOS, COMISSÕES E CONTA PROPRIA  
Telefone 5039

Rua da Picaria, 37 — PORTO

Visite V. Ex.<sup>a</sup> o

**Hotel Restaurant Pinto Bessa**

Rua da Estação, 56-PORTO-Telef. 4524

Instalações modernas—Quartos com todo o conforto e higiene—Quarto de banho em todos os andares—Permanente serviço de restaurant—Preços modicos—Visitá-lo é preferi-lo.

Proprietario — LUIZ CORREIA

**CAFÉ CONCERTO PRIMAVERA**

Travessa da Picaria, 28

O maior Salão Dancing do Porto

TODAS AS NOITES NOVAS VARIADADES — «SOIRÉES»  
Serviço de Restaurant e Gabinetes  
ABERTO TODA A NOITE

**CONSTRUÇÕES E REPARAÇÕES DE PREDIOS**

Especialidades em pinturas

**A. R. CARVALHO**

Construtor civil diplomado

Rua da Picaria, 8 — PORTO

**VICTORIA CAFÉ**

Praça Guilherme Gomes Fernandes, 66

BAR

Galeria de Paris, 109 — PORTO

mais confortável  
mais completo  
mais higienico

Grande exito de todas as noites

Fados pela cantatriz Leonor Fialho—Explendidos salões de Jogos, Bilhares e Ping-Pong—Pequenos almoços, Lanches—Comentos todos os dias das 21 horas em diante

**NICOLAU FERRAZ**

Espanha, França, Brasil e América do Norte



**PASSAPORTES**

Agente no Norte

da United States Lines

TELEFONE, 762

Rua do Loureiro, 60, 62

PORTO

É caro? É! Mas no **ESCONDIDINHO**

come-se, porque o **ESCONDIDINHO**

é quem melhor serve.

A sua cozinha, os seus «ménus», os seus serviços, os seus talheres, os seus vinhos são celebres e não têm rival.

Rua Passos Manuel -- PORTO

**PATHÉ**

Se quer adquirir um gramofone não compre da primeira marca que lhe apresentem

Discos portugueses de: Viana da Mota, o eminente pianista, e de Carvalho Oliveira, o rouxinol do norte

EXIJA a audição de um disco Escolha á sua vontade Pathé - a grande marca - Pathé

As ultimas novidades em discos semanalmente recebidos de Paris

**PATHÉ**

Avenida da Liberdade, 141-1.º — LISBOA  
Telefone: 3678

**CASTELO LOPES, L.**

Rua das Fontainhas, 20910 — PORTO  
Telefone: 2004

**MAQUINAS FOTOGRAFICAS DANIEL AUGUSTO BENTO**

A pagamentos semanais de 10\$00, com sorteio pela lotaria de Lisboa

**FOTO-ESTRELA POLAR**  
62 — Rua de Santa Catarina — 64  
Telefone: 2158 PORTO

Antes de comprar uma maquina de escrever portátil ou para escritório, sirva-se V. Ex.<sup>a</sup> pedir oferta da

**UNDERWOOD**

ao agente: CARLOS DUNKEL - R. Sá da Bandeira, 62  
Telefone: 1013 — PORTO

VISITE o CLUB RITZ — R. Fernandes Tomaz, 817 PORTO

Explendida orchestra «JAZZ» A CANÇÃO NACIONAL pelos mais afamados cantores do PORTO e LISBOA

MODICIDADE DE PREÇOS

V. Ex.<sup>a</sup> Deseja comprar barato? Elegante? Na ultima moda?

EXPERIMENTE E VERÁ!!!

**SAPATARIA LAGES**  
R. Santo Ildefonso, 20-PORTO

**SABÃO CASTELO**

O melhor produto para tirar nodos  
Preço 1\$00  
Á venda em todas as drogarías

**COELHO DA COSTA**  
AGENTE OFICIAL

Trata de todos os documentos e tira passaportes para o Brasil, França, etc., e vende passagens em todas as classes, tanto para embarcar em Leixões como em Lisboa.

Escrever ou falar para a RUA CHÁ, 129-132 — PORTO  
TELEFONES (Agencia 1412 Residencia 2187)

**“GARANTIA”**

COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1859)

Capital integralizado Esc. 1.000.000\$00  
Reservas em 31 de Dezembro de 1927 Esc. 6611.263\$33

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matemática e esta é uma sci. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO (EDIFICIO PROPRIO)  
DELEGAÇÃO CENTRAL Praça da Liberdade, 13 e 14 Casa Bancaria Sousa, Cruz & C.a, L.da  
DELEGAÇÃO EM LISBOA Rua de S. Julião, 63 a 71 (EDIFICIO PROPRIO)

**AGENCIA “A PORTUENSE”**

(DAS MAIS ANTIGAS DE PORTUGAL)

Passagens e Passaportes

— Honestidade e competencia —

Fornece-se todos os esclarecimentos por correspondencia, a quem os pedir

TELEFONE 123

R. do Corpo da Guarda, 15 PORTO

Escudos 3\$00

20 SEMANAS

Os melhores e mais chics chapéus a prestações e com bonus

Inscrava-se já para esta semana por apresentação ou conhecimento

terá um bom chapéu no acto da inscrição

**Chapelaria Portela**

Telefone 1776

Praça dos Poveiros, 80 PORTO

# Homens & Factos do Dia

## Conselhos

### a um futuro jornalista

Um jovem que «sente a paixão do jornalismo» — é esta a única assinatura da carta que me escreve — pede-me para o arrancar daquela dolorosa ante-sala de sonho onde o sonho, como todos os amores platonicos, se cansa da passividade e exige uma posse farta e sensível. A família — confessa o meu correspondente — vê na vocação do «menino bonito» uma espécie de estroinice e encara-a com desgosto... E' que o destinava a uma profissão séria: empregado de comercio, sacerdote ou funcionario público... E o pobre moço, fervido em leituras emocionantes, arrepara-se só com a ideia de abdicar das suas ambições... Pede-me conselho... Eu sei o que isso significa. Quando se deseja tomar uma atitude ou amar uma mulher, e se pede um conselho, é só na esperança que o conselheiro diga o que o nosso coração deseja... Se o conselheiro é tão pessimista como aqueles que nos contrariam — encólhem os ombros e acabamos por tomar essa atitude ou por amar a essa mulher. E' a eterna dúvida de Triplepatte de Tristan Bernard. Tinha sede e apetecia-lhe beber um copo de agua quente. O empregado das termas pergunta-lhe: quer agua quente ou fria? Ele hesita e confia a uma moeda de cobre a resolução. Vai atirá-la ao ar comprometendo-se a bebê-la quente se cair «cara»... E caiu... «cara»... e como caiu «cara»... bebe-a fria, que é o que ele desejava...



Portanto aconselhá-lo a não entregar-se voluptuosamente a profissão cubizada — para quê? Para fazer como Triplepatte? Mas, além disso, não é só por experiencia que eu me mostro um conselheiro optimista: é tambem por sinceridade. Tem você, meu jovem e futuro camarada, toda a razão ao queimar incenso pelo metier de jornalista. E' dos mais belos e dos mais dignos. Que se pode fazer com ele uma arma de crime, uma navalha de apache? Decerto... Mas nesse caso não é culpado o jornalismo mas quem o exerce. O Cristianismo é a lei de Cristo, e envergum uma soutana a um bandido e vejam o que ele fará do «amal-vos uns aos outros»... Que se sofre no jornalismo horas de grande angustia, injustiças irritantes? Tambem é verdade... Mas porque será que os pais amam de preferencia os filhos mais castigados pelo Destino? A dor é o grande adubo das grandes paixões. Sofrer-se por alguém é dilatar até ao infinito o amor que se sente por esse ente...

Um só conselho me permito dar-lhe. Faça da sua pena de jornalista uma agulheta para desencardir as maquiagens da hipocrisia, da hipocrisia que artificializa a honra e oculta o

crime, do crime que consegue a impunidade subornando ou ferindo. E' esta a mais doirada gloria da imprensa, o mais digno orgulho do jornalista!

Saber que existe «alguem» cuja vida é um continuo triturar de almas e de vidas, sem escrupulos nem piedade; dalguem que cometeu sempre e comete e cometerá toda a casta de infamias e que é acolhido como o mais honrado dos homens; dalguem que caminha marginado pelos gritos e lamentos das vitimas e que consegue isolá-los, como gafosos, gozando a impunidade e a consideração dos que ignoram a verdade; dalguem que já foi varias vezes vagamente atacado mas que obteve desta ou daquela forma o silencio dos atacantes; e abrir fôgo higienico contra esse alguem, vingar as vitimas e abrir os olhos aos iludidos, revelar a verdadeira personalidade do bandido com a certeza que nem o subôrmo nem o médo nos desviarão do caminho traçado — que apoteose dentro da nossa consciencia! Que admiravel profissão a que nos concede essa orgia de bem! Quantos inocentes foram sacados do inferno dum erro judiciario graças aos jornalistas? Quantos criminosos indecifráveis foram descobertos pelos reporters? Alberto Londres, Geo London, Stefane Lauzanne, Emil Jourdain, René Renaud, Max Pimperton, «Dolente de la Colegiata», Mario Pujol, Lewis Brown — pára falar apenas dos azes dos reporters da França, da Inglaterra, da Espanha, dos Estados Unidos — todos eles, graças a sua acção de jornalistas, se adiantaram a policia e contam dezenas de vitórias daquele genero. Quem descobriu Landru, Starfó, Urdilini, a «Mafia» napolitana, os irmãos Venier, o misterio do «Expresso de Andaluzia» — sendo os repórteres? Quem salvou Dieudonné e Marcel Gaspará, de Guyenne? Os reporters... Mesmo em Portugal podíamos citar variadissimos triunfos jornalisticos no campo da criminalogia e das campanhas sinceras e honradas. Ha quem diga que ful eu quem resolveu o problema sangrento de Maria Alves — o que nada agrada à minha consciencia de homem mas que satisfaz a de reporter. E tanto assim que em todos os paises existe imprensa especial com esse objectivo. Em Espanha, só durante o governo de Primo de Rivera fundaram-se «La Verdad», «Los crimenes celebres», e reapareceu «Los Sucesos». Da França evocarei: «Le Detective», «Le Petit Journal Illustré»; «Le Dimanche Illustré»; «Le feu» (quinzenario de crimes e campanhas); na Inglaterra — além de «The Detective World» e de «The Ringings» — publicam-se mais de vinte. E na Alemanha. E na propria Italla — «De Giorno e dela serra». E até em Venezuela — «La Revista Policiaca».

Sim, meu hesitante amigo: o jornalismo é mais do que uma profissão séria e honrada. E' uma profissão que pode ser gloriosa. Os atriutos? Vencê-los-á — A luta? Só não lutam os mortos e mesmo esses têm os vermes a substituí-los na devoradora missão de os reconduzir ao misterio do nada. E os vermes do jornalismo não são mais vorazes do que os outros...

R. X.

# reporter

Semanário de grandes reportagens e de crítica a todos os acontecimentos sensacionais de Portugal e Estrangeiro

Sai aos sábados e é posto à venda simultaneamente em todo o país

DIRECTOR

**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Director-Gerente, Administrador e Editor  
**ANGELO DE AZEVEDO FERREIRA**

Chefe da Redacção  
**MARIO DOMINGUES**

Propriedade unica de Angelo e Reinaldo Ferreira

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE  
ROSSIO, 3, 3.º — TELEFONE 26442 — LISBOA  
DELEGACÃO NO PORTO — RUA DO ALMADA, 10

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIPOGRAFIA SILVAS, LTD.  
RUA D. PEDRO V. 120 — LISBOA — TELEFONE 23121

PREÇO DAS ASSINATURAS

3 meses — série de 12 números — Esc. 11\$50  
6 » » » 25 » — Esc. 22\$50  
12 » » » 52 » — Esc. 44\$50

TIPOGRAFIA  
**SILVAS**  
LIMITADA

118 - R. D. PEDRO V - 120  
LISBOA  
Telefone 23121

Trabalhos tipográficos  
em todos os géneros

# MARQUÊS DE SAGRES EM CAMISA

**A verdade sobre a tentativa de suborno.—A história completa do título —Avaz, Aviz, ou Sagres?—Uma personagem sua e um animal simbólico—Os “chauffeurs” do Senhor Marquês —As ameaças e o nosso medo**

Aqueles que nos acusam de imprimir inuitos políticos aos artigos com a agudeza acerba do Marquês de Sagres—mentem como cães. Mentem porque as nossas intenções estão bem patentes nas frases que atacamos não além do que no papel se imprime.

Aqueles que nos enviam ameaças por caminhos enzuvidos julgando-nos cobardes e capazes de ceder a que a nossa consciência manda que se diga—enganam-se; porque nunca nos calámos quando temos uma verdade a proclamar.

Escreveremos tantos artigos quanto precisarmos para desenhar-nos com a agudeza da verdade a figura moral desse marquês que é quasi um símbolo da corrupção devastadora do nosso século. Publicaremos, pois, tantos artigos quantos forem precisos—nem mais um, nem menos um.

teimam em estrangular—estava comosco.

Feitas estas declarações absolutamente necessárias, não percamos mais tempo e vamos ao marquês, que está a arrefecer.

O cavalleiro em questão continua a abstar da nossa paciencia enviando-nos epistolas sobre epistolas, julgando talvez

cação, como *falso e também que as tezas tendem a subornar falsos jornais, qualquer pessoa que dê fôca parte ou que o ele esteja ligada ou não a qualquer outra pessoa.*

*Poros meus compromettidos, a que me reservo o direito de recorrer, mostrarei que essas outras altribuições com que esse jornal pretendo diluir-me, representam condemnáveis injurias, difamações e calunias, mostrando também qual o objectivo de compaña de decoreado que esse jornal me vem fazendo.*

Liisboa, 23 de Setembro de 1930.

Marquês de Sagres

E' falso que o sr. Marquês tenha tentado subornar-nos. Quer o ilustre titular que vamos muito mais além do que as suas proprias conveniências ditam? Feçamos-lhe a vontade. E' verdade ou é mentira o que encarregou o sr. Moraes de Carvalho, nosso colega na imprensa, ludindoo-na na sua boa fé, de vir à nossa redacção convencer o nosso Director a aceitar a quantia de 50 contos para nos calarmos? O sr. Marquês de Sagres, que é pessoa sem vergonha, será capaz de negar esta verdade incontestavel. Moraes de Carvalho, que é uma pessoa honesta e compreende o melindre desta questão, saberá colocar a verdade acima de tudo, porque proclamando-a, se beneficia-se, e abandonará o sigilo que neste caso seria vergonhoso, por excessivo, para comosmo desmascarar um homem que mente sem o menor pudor.

Moraes de Carvalho é a nossa melhor testemunha de defesa, de entre muitos que apresentaremos quando for necessário ou oportuno, e defendendo-nos, acarári-esse marquês sem escrúpulos que pretende com epistolas hipocritas enganar o publico.

E punhamos, por agora, de parte o nojeito capitulo do suborno.

**A VERDADEIRA HISTÓRIA DO TÍTULO**

Vamos agora à história do título de marquês.

O Marquês de Sagres nem sempre foi marquês. Primitivamente, quando o declararam ao mundo, elle era simplesmente José Antonio Almeida de Oliveira—e não mais nada.

Ele era assim em Coimbra. Mas como tinha a mania das grandezas e dizia aos condiscipulos, umas vezes que era Conde de Avis, outras que era conde de Sagens, dos dois compositos titulos, os pa-

maradas escolheram um, aumentando-lhe um pouco a pompa: Marquês de Sagres.

Aconteceu que el-rei D. Manuel II fez uma, coisa que, aliás, seccada a toda a gente, e o José de Oliveira, inchando de vaidade, escreveu-lhe uma carta dando-lhe os parabens e assinando a alchuna: Marquês de Sagres. Todos nós sabemos o que são as coisas burocráticas do Paço. Mandou o protocolo que se agradeciam os parabens a quem os manda, e das repartições do Paço escreveram uma carta agradecendo os parabens. E essa carta, por imperdoavel distração, foi dirigida ao senhor Marquês de Sagres.

O calouro agitou a missiva real que se fosse um tojeu. «Excelentissimo Senhor Marquês de Sagres... E assim o Oliveira passou, pela primeira vez, a ser oficialmente marquês. Foi mais tarde, na situação transacta, que o Zé de Oliveira começou a manobrar para ser marquês a valer, conforme já relatámos em outro artigo. O Papa sympathizou com elle, e em lugar de alcançar as simpatias papaes é como quem obtem as chaves do Céu. O Zé de Oliveira agitou-se em Lisboa, futuro pelos ministérios e arrancou de um ministro proprio uma modificação ao nome. E ficou a chamar-se José Antonio Alvares Pereira de Almeida de Sagres. Elle aventava a hipótese de ser uma espécie de descendente bastardo de D. Nuno Alvares Pereira. Dom é que elle nunca conseguiu ser, porque o dom não se dá a toda a gente. Mas ficou o Alvares Pereira—porque o Condestavel não lhe podia dar o correctivo—e o Sagres, que é apenas a terra onde elle, por feliz acaso, nasceu.

Depois o Vaticano fez o resto. Deu-lhe o titulo do ultimo nome, porque se senhoriás o pôde o Poper Papal dar o nome de nobre a quem se quer em Oliveira qualquer. E hoje o nome de José Antonio Alvares Pereira de Almeida de Oliveira pertence ao pulha que nos quis subornar.

**UMA MARTIR QUE NÃO É PARA AQUÍ CHAMADA**

Depois de aumentarem o nome conforme as suas conveniências, esta espécie de marquês—que a verdadeira aristocracia

devia repelli, se ainda lhe resta um pouco de bojo—começou o Zé de Oliveira, hoje conhecido em certos meos suspitos pela alchuna de Zé, a fazer das suas tropelias.

Principiava lá por casa. Para dominar a esposa, que é educada e paciente e inflingia-lhe toda a qualidade de torturas, inclusive entalando-lhe os cabellos na gaveta de um movel que fechava à chave, deixando-a em uma poçoção incomoda durante horas e horas.

E como a esposa não fosse bastante para lhe satisfazer os instintos inquisitoriais permitia-se ainda a liberdade de soar as criadas de quando em quando a Dona Maria da Conceição Pereira de Moraes, sua esposa, oriunda de uma familia decente, suporta-lhe todas estas brutalidades com uma resignação de santa. Suporta-lhe estas e outras como adiante se verá.

**A MORÇA DA EMILIA PORCA**

O Marquês anda precisado de dinheiros. As «escroqueries» não lhe dão o rendimento conveniente. Lança, portanto, mão de todos os processos licios ou ilicitos, para obter a MORÇA para alcançiar aquilo que o negécio da Angola e Metropole não chegou a dar-lhe.

Ora, a esposa era dotada em duzentos contos. Eram duzentos contos imobilizados, duzentos contos em que o recetor Marquês de Sagres não podia tocar senão em caso de morte ou divórcio da sua cara melado. Como o falecimento da esposa é uma questão complicada, o Zé de Oliveira encontrou pelo caminho mais fácil: o divórcio.

E, então, simulou aquilo que por natureza é incapaz de praticar: um adultério. Duzentos contos em que o recetor Marquês de Sagres não podia tocar senão em caso de morte ou divórcio da sua cara melado. Como o falecimento da esposa é uma questão complicada, o Zé de Oliveira encontrou pelo caminho mais fácil: o divórcio.

Para isso teve que alugar uma intrusa. E como pessoas honestas não se prestam a estes filices, recorreu a uma mulher doidivosa, uma cortezá celebre nos meios boêmios de Lisboa. A Emilia Porca prestou-se a comédia. Deixou-se fotografar na companhia do Marquês em um passeio no Campo Grande. Esta fotografia é a que realmente se encontra apenas no processo. Não é, aliás, a propria esposa (embora elle fosse capaz dessa infâmia) que está fotografada na companhia d'elle. É a Emilia Porca.

Está, portanto, esclarecido o caso do divórcio—não, pô, quejo, quejo.

A sentença foi-lhe favoravel, isto é, foi ditada em favor do pobre esposa offendida—supostamente offendida—pela Emilia Porca, que obteve, em seu outro pretendido, um automovel Chrysler. Ela até ficou sendo conhecida por um «sobriquet» mais elegante do que o primitivo: A Emilia do Chrysler.

Um rumor interessante, antes que esqueça: na fotografia apenas ao processo do divórcio vê-se distintamente um cão—símbolo dos cães que o Senhor Marquês tem pregado em vários locais.

**SERÁ O MESMO OU UMA PALIDA IMITAÇÃO?**

Agora para rematar, remetemos os nossos estimavéis leitores para um artigo que o nosso querido camarada e Director escreveu em 11 de Dezembro de 1918, no *Século* da noite.

Releia esse artigo, do qual damos nestas páginas um *fac-símile*, a um tal Duque de Avaz (Avaz ou Avis) que curvou em Coimbra, onde deu brado pelas suas trampolinices, o qual desembarcou no Brasil e tornou-se um sujeito de uma suposta situação de republicano perseguido. Comeu naquêlles paiz várias poucas vergonhas, intrajou meo mundo e tornou mais tarde a esta desgraçada Patria, que acobede de sorriso nos lábios todos os seus portuguezes, para vender prédios que não lhe pertenciam.

O Duque de Avaz será o mesmo que hoje usa o titulo de Marquês de Sagres? E' um caso a averiguar, enquanto não fazemos aos nossos leitores a história de varias transações em que o senhor Marquês ganha sempre—mesmo com pedras e com cortiça—e os outros perdem as dezenas e mesmo centenas de contos.

Se este artigo não fosse demasiado longo e se não estivessimos atemorizados com as ameaças do novissimo titular, contaríamos aos nossos leitores como o Marquês se relaciona com os seus «chauffeurs», que por vezes fogem para o Porto e depois para Sevilha, acabando por regressarem submissos para contentarem casa posta e casamento combinado.

Ficará tudo isso para outro artigo, se o Zé de Oliveira não manobrar as suas forças e cortiça, e os outros perdem talvez paralisar-nos a mão que escreve estas linhas a tremer de medo...

MARIO DOMINGUES

**XX aniversario da Implantação da Republica**

Comemorando este aniversario, a commissão administrativa da Junta de Freguesia do Sacramento distribuiu a cada um dos bôdos aos pobres da sua freguesia.

Agradecemos os bilhetes que nos offereceram para os nossos protegidos.



Fac-símile do *Século* da noite, de 11 de Dezembro de 1918, que publicou o artigo de Reinaldo Ferreira sobre o Duque de Avaz.

Aqueles que espalham aos quatro ventos que fazemos esta campanha por dinheiro, por ambição, ou por suborno de algum, confundindo o nosso caracter com o da pessoa que desassombadamente atacamos—caluniam-nos. Caluniam-nos porque os proventos das nossas campanhas—e a tantas vezes feito, bem mais importantes do que esta—podem verificar-se nos livros de escrutinação de innumeras casas de penhores onde muitos dos nossos excessos bens têm quedado sepultados para sempre, e a tristeza do nosso lar nota a fortuna, como o sol em certos bairros soturnos, se arreceia de entrar.

A calunia não nos derruba. A ameaça não nos atemoriza. O suborno não nos amordaça. Só a morte nos faria calar. Essa porém não nos aterroriza, porque elle é certo o grito estridente, a prova irrefutavel, bem colorida pelo vivo do sangue vermelho, bem visível aos olhos de todos, de que a verdade—que tantos

que as suas frases têm o poder de nos fascinar.

**MAIS UMA CARTA DO MARQUÊS**

A proposito do nosso artigo publicado no *Reporter X* de Setembro p. p., endereçou-nos esta dôce missiva:

Senhor Director do Reporter X.

*E' ainda ao abrigo da lei da Imprensa que, pela ultima vez, venho pedir a publicacão do seguinte, como resposta ao publicado na página 7, do n.º 7 do seu jornal, com data de 20 do corrente e do n.º 4 epistola: «O celebre Marquês de Sagres».*

*Reclamação esse jornal na campanha iniciada no artigo anterior—apezar da minha carta de 16 que esse jornal não quiz publicar em tempo devido—ferdo de permitir-me que acerca desta novo artigo publicado a 20, faça estas terminantes declarações:*

*E' falso tudo quanto de insidioso e ofensivo se afirma contra mim na referida publicacão.*

# CAFÉ NICOLA

O café da "Elite". O mais confortavel e higiênico de Lisboa  
Esmerado serviço de café, chá, cacau, chocolate e torradas  
 Os melhores bifes são os **"BIFES À NICOLA"**

## Rossio -- Lisboa

Espanholas, francesas, toda a gama  
internacional dos artistas de maior  
nomeada, podem ser admirados no:

## GALO D'OURO

(ANTIGO ALHAMBRA)  
 PARQUE MAYER

que é o mais animado cabaret de Lisboa. Sem-  
pre números novos; variedades, nú artistico  
por artistas esculturais. Tombola de Benefi-  
cência, divertimentos variados. A maior fre-  
quência de senhoras. Seleccionada assistência





# Bolo-Pachá

o célebre aventureiro turco, espia dos alemães, esteve em Lisboa, há anos, onde praticou uma das suas "escroqueries"

um homem culto e viajado. Prendia pela delicadeza... Sómente os seus olhos, ás vezes, deixavam transparecer um brilho de aço polido, que impressionava quem bem observasse.

Eis o retrato e as intenções aparentes do homem que em fins de 1912 ocupava o quarto 29 do Hotel Francfort e se propunha ser o intermediário de grandes negócios entre o mercado da Sublime Porta e os exportadores portugueses.

## UMA GRANDE ENCOMENDA DE CONSERVAS—LETRAS COM DIAS A... PERDER DE VISTA

Foi pela nossa facilidade — dizem — em falar francês que nos pediram para acompanhar o sr. A. A. à fábrica de conservas que então, em Santo Amaro, junto à estação dos carros electricos, era propriedade da firma A. Brito & C.<sup>a</sup>. Vistas as dependências, o sr. A. A. fez as suas encomendas. Sardinhas em salmoura. Polpa de tomate. Tudo ás centenas de caixas. O industrial rejubilava. Nem mesmo indagou referências ao grande «cliente» que assim lhe abria as portas doiradas de um novo mercado, para onde nunca pensara mandar uma lata de «touticos» ou de «chicharros»... De mais o freguês fizera uma conferência na Associação Commercial; vinha recomendado pelo consul... É o cliente encomendava, encomendava... Mais duzentas caixas de sardinhas meia-alta mais cem de quarto reduzido... Era um nunca acabar a nota que o vendedor enchia, com as faces estorçando de alegria pelo grande desenvolvimento que encomendas assim — e o que não seriam no futuro visto

ser aquela ordem de experiência — trariam á sua fabrica...

Solene nas suas luvas cõr de canário, o sr. A. A. deu a direcção:

— Katirdjoglo-han, Constantinopla.



*Bolo Pachá, nos seus tempos de triunfo em Paris, passeando nos Campos Elísios*

Nada mais. A morada, assim, sêcamente como se fõsse um cheque ou como oiro em barra.

E logo a seguir, como quem não tem tempo a perder:

«— Au revoir, Monsieur Brito. — Enchanté. Vous êtes un grand industriel. Je vous ferai parvenir encore nouveaux ordres... Au revoir...»

## A GRANDE «ESCROQUERIE»

Foi assim que o homem das luvas amarelas conseguiu realizar uma das suas grandes «escroqueries». Porque é escusado dizer que a firma A. Brito & C.<sup>a</sup>, fabricantes de conservas desta cidade de Lisboa — a pezar-da conferência na Associação Commercial e das recomendações do consul de Portugal em Constantinopla — nunca mais soube noticias do sr. A. A. a não ser as de que as mercadorias tinham sido levantadas no seu destino... O pagamento — visto que as conservas tinham sido vendidas a prazo e (ingenuidade!) sem garantias bancárias — nunca se efectuou. Só bailante ficou nos olhos dos lesados a figura esguia, elegante, do

(<sup>1</sup>) A conferencia realizou-se na antiga séde da Associação Commercial, no Terreiro do Paço, o que consta nos jornais da época. Nessa conferencia foi apresentado pelo sr. Carlos Gomes, então presidente da Associação Commercial.

A figura de Bolo-Pachá, que deu colunas e colunas aos rotativos de todo o mundo; que teve a fotografia publicada em todas as revistas e magazines do velho e do novo mundo; que foi objecto de mil conversas e discussões; a sua figura esguia, impecavel, cheia mesmo de garbo e talvez tocada de elegancia, é o prologo de uma série de artigos onde o autor destas linhas fará desfilar as silhuetas de muitos outros, com mais actualidade, de muitos mais que se cruzam hoje comnosco nas ruas de Lisboa e que vivem na nossa época, embuçados em vidas que ninguem conhece,—nem mesmo a policia — trabalhando na sombra os seus planos complicados de aventureiros audaciosos.

Bolo-Pachá é, para estes artigos, o simbolo, como que o preludio anuiciador da grande sinfonia de criminosos elegantes que fazem parte de uma enorme rêde internacional, seita que será pouco a pouco desmascarada — porque alguém lhes conhece os processos.

Recordemos, portanto, esse «escroc» internacional e a sua passagem por Lisboa, onde deixou assinaladas as «impressões digitais» da sua inventiva e audaciosa maneira de viver...

## O QUARTO 29 DO HOTEL FRANCFORT

Foi nos fins de 1912 que alguém nos apresentou no «hall» do Francfort de Santa Justa ao sr. A. A. negociante, estabelecido em Constantinopla e que a Portugal vinha tratar do estreitamento das relações comerciais entre Portugal e a Turquia. Vestia o sr. A. A. com uma marcante correcção. Um sobretudo azul, comprido, elegante. Usava uns fartos bigodes — à gaulesa — e nos olhos vivos havia, permanentemente, um brilho de intelligencia. Notavam-se-lhe, na sua maneira de vestir, umas luvas amarelo-canário, que — verificámos depois — usava com insistencia. Tinha terminado a guerra dos Balkans e ainda não fõra lançado o fogo á fogueira de Sarajevo. Uma vaga serenidade inundava a Europa, especialmente o Extremo Occidente, onde só havia ansia de criar novos mercados para os seus produtos...

...E o sr. A. A. trazia recommendações do consul de Portugal em Constantinopla e anunciava uma conferencia publica, onde marcaria a sua attitude de «brasseur d'affaires», unicamente deseioso de conseguir algumas representações de casas portuguesas — especialmente de conservas — visto que o momento era propicio, só trazia vantagens para os exportadores portugueses (<sup>1</sup>)

Falava claro, num admirável francês, argumentando com rara facilidade. A sua conversa era a de



*Antes de ser executado em Vincennes, Bolo Pachá despediu-se de uma personagem misteriosa*

# JOAQUIM PITA SOARES

O PORTUGUÊS CONDENADO À MORTE POR UMA LOUCURA DE AMOR

□ □ □ ESCREVEU AO «REPORTER X» UMA CARTA COMOVENTE □ □ □

Joaquim Pita Soares, o português que foi condenado à morte pela justiça americana por ter amado à portuguesa — com todo o ímpeto do seu sangue moço, exaltado e delirante, grato pelos esforços que Reporter X tem feito para salvá-lo da cadeira eléctrica, escreveu ao nosso Director, nosso querido camarada Reinaldo Ferreira, uma carta que reproduzimos na íntegra.

Senhor Reinaldo Ferreira

Director do Reporter X

Venho respeitosamente por meio desta minha carta, mil vezes agradecer-lhe todos os favores e esforços que o Senhor e todos os nossos irmãos portugueses têm feito e provado em meu auxílio do que eu tanto me orgulho em o ser. Desde a minha infância, com doze anos de idade, fora da minha terra natal, mas sempre com amor à minha pobre mãe e irmãs e à terra aonde eu nasci, sempre respeitei e fui respeitado, sempre trabalhei honestamente, nunca pensei em nenhum dia da minha existência ser um criminoso por um acto de loucura, chorando arrependido, cheio de remorsos, devido a eu ter ofendido a dignidade de todos os meus parentes pelo amor de uma rapariga que eu honestamente amei.

Hoje, em vista de eu me encontrar nesta si-



À direita — A namorada que Pita Soares matou a tiro  
À esquerda — A irmã da namorada, também atingida

tução, pela minha infeliz sorte, peço caridosamente ao nosso Governo que me auxilie, visto êle ser o único que me pode salvar em vista de eu ser português, pelo amor da minha mãe e

É uma epistola rude, pejada de erros ortograficos e gramaticais que quasi não emendámos para não lhe tirar a espontaneidade e para que os nossos leitores adivinhem através dela, como nós adivinhámos, a alma de quem a escreveu plena de altas qualidades de caracter e de uma affectividade enternecedora — a affectividade que em um momento de irreflexão o perdeu.

conhecer aqui os  
homens, fizeram  
nem piedade  
um homem  
como qualquer  
sempre com  
com uma d

Amo Ty

com estima e c.

mitissimo agradeço -

Atto. atto. Obn. do

Joaquim Pita Soares

Ex. mo Am... onde por nome  
Reinaldo Ferreira  
Rua Bom Jardim 437  
Porto  
Portugal

«Fac-simile» do envelope e do final da carta que Pita Soares dirigiu ao Director do Reporter X

irmãs, que sempre tenho sido bom para elas até à data presente.

Ao mesmo tempo tenho o prazer de lhe mandar dizer aqui nesta minha carta como isto aconteceu: eu falava com uma rapariga há dois anos, tendo tratado casamento com ela e já lhe tinha dado dinheiro por diversas vezes. Havia um rapaz meu amigo que se casou e a rapariga estava no dito casamento onde ela andava dançando com outro homem e eu, por casualidade, vi por duas ou três vezes ela fazendo pouco de mim. Como eu digo ao senhor eu nunca fui acostumado a beber nem a me embriagar, mas como era um dia de festa de um casamento, eu bebi porque eles insistiam comigo e eu bebi para lhes fazer a vontade. A bebida fez-me mal; foi esta a razão que quando a rapariga fez pouco de mim eu tinha uma pistola no bolso e matei-a

— porque estava fora do meu juizo, não sabia o que estava a fazer, tanto assim que eu fui para o hospital três semanas e só depois de duas semanas passadas é que eu vim a saber o que tinha acontecido.

Quando eu fui ao tribunal as testemunhas, sem alma nem coração, juraram todas falso contra mim, em vista de eu não conhecer aqui ninguém nesta cidade por nome Lowell; fizeram tudo quanto quizeram sem dó nem piedade, quando eu, na qualidade de um homem pobre, tenho sido tão humano como qualquer outro homem bom neste mundo, sempre com bom coração para todos e sempre com uma desgraçada e infeliz sorte.

Sem mais, com estima e consideração, muitissimo agradecido, etc.

JOAQUIM PITA SOARES

sr. A. A., a sua maneira firme de falar e o amarelo berrante das luvas de camurça... Mais nada!...

## A GRANDE GUERRA — OS ESPÍOES — VINCENNES — RETRATOS QUE FALAM

Ora todos se lembram — todos os de à roda dos trinta anos para cima — da bulha que se fez nas gazetas com um homem que usava o nome de Bolo-Pachá. Recordam-se, portanto, evocando-o na memória, tal qual como o descreveram quando preso por traidor, em plena conflagração mundial? E lembrem-se também do detalhe que deu motivo a crónicas e artigos: as suas luvas amarelas, impertinentes, que nem mesmo em Vincennes, na

hora da execução, nessa manhã cinzenta em que tombou para sempre o seu corpo de aventureiro elegante, deixou de calçar, numa última expressão de requinte, dizendo aos que o acompanhavam: «Foram estas luvas, simbolo dos meus triunfos na vida, que levantaram as invejas e os ódios que me trouxeram aqui... Quero morrer com elas visto que é por causa delas que eu morro...»

Pois o traidor à França não era outro senão o sr. A. A., o que anos atrás, servindo-se, possivelmente, de documentos falsos, tinha vindo à então pacata Lisboa, realizar um dos seus «golpes» de audácia... Foi o proprio industrial burlado que me mostrou varios jornais e revistas onde o sr. A. A. — em umas, flamante, nas corridas de cavalos ou no Bols; em outras, já na prisão; e uma, a ultima, momentos antes da hora suprema — figu-

rava retratado sob o nome, então tão falado, de Bolo-Pachá!

Um e outro eram o mesmo. Bolo-Pachá, o requintado, o amigo do Sultão da Turquia e do sr. Afonso Costa, o intimo de tanta gente célebre, era o sr. A. A., o pseudo comerciante de Constantinopla. Era o sr. A. A. de Katridjoglo-han.

E' este o prometido prologo. Em outros artigos iremos desvendando outros segredos de alguns que — tal qual Bolo-Pachá — tecem na sombra as suas malhas para os seus aventureiros negocios. Embora se mascarem com profissões e atitudes — Bolo-Pachá tambem era elegante e fez conferencias publicas, oficialmente — nós saberemos por que ponta principiaremos a levantar o véu!

AUGUSTO FERREIRA GOMES





# O sátiro de Coruche

Um negociante sem escrúpulos atrai, por meio de  
anúncios de emprego vantajoso, raparigas ho-  
nestas ao seu covil, desgraça-as, e depois despe-  
de-as para logo as substituir por outras vítimas

É certo que as páginas dos anúncios dos grandes jornais são como janelas abertas sobre o mundo. Quem «saiba lêr» e conheça o labirinto secreto da vida, encontra sempre nessas páginas as sensações mais vibrantes, as revelações mais surpreendentes. O grito de alma, sentido, dum mãe a quem desapareceu o filho; o lar desfeito «num leilão urgente» dum casa «por motivo da retirada do proprietário»; «senhora em más condições» que «pede empréstimo a cavalheiro de respeito»; boa oportunidade para menina educada e honesta... Em suma: as ultimas páginas, as páginas dos anúncios são o «salon» da vida por dentro, com as suas grandezas e misérias, teclando todos os sentimentos fortes, do heroísmo à ignomínia.

Foi exactamente um anúncio, *menina educada e honesta, precisa-se*, que chamou a nossa atenção. Mas mal visionávamos nós que duas linhas de jornal nos oferecesse uma tão útil reportagem!

## A CILADA

O anúncio, que fotografamos e reproduzimos fielmente nesta página, rezava assim: «Empregada. Boa oportunidade para menina educada e honesta. Carta com idade e habilitações à agência, etc...» Lemos a primeira vez este anúncio — não sabemos porquê. Mas depois, ao repararmos que esse mesmo anúncio, relativamente vistoso e caro, se repetia todos os meses; ao constatar, folheando a colecção desse jornal, que ha muitos meses esse mesmo anúncio era publicado todos os dias primeiros, espalmámos a mão sobre ele, como sobre uma borboleta negra. Quem podia ser a empresa ou o individuo que mensalmente necessitava recrutar para os seus escritórios uma nova empregada, «educada e honesta»? Que segredo podia ocultar essa variedade continua ou continuo crescimento de pessoal feminino?

Alarmados e profetizando pela certa uma cilada naqueles dois dedos de papel linotipado — resolvemos fazer de policia por nossa conta. Rondámos a agência dos anúncios, perdemos horas, até que longe ainda do desanimado, uma voz nos alfinetou os ouvidos — pedindo ao «guichet»: «Fazia a fineza, dava-me as respostas ao anúncio n.º...»

## O SULTÃO COMODISTA

Era esse o número do anúncio suspeito. Estava encontrado o «X» — salvo seja! — do problema. O resto do inquérito era fácil.

O autor do misterioso anúncio, que ciframos, por agora, em duas iniciais que correspondem, de facto, ao seu nome e apelido verdadeiros — o Ex.<sup>mo</sup> e Il.<sup>mo</sup> Sr. J. G. — era, e é, um honesto e acreditado comerciante da praça de... de Coruche ou das redondezas. Pelo visto, o sr. J. G., embora residindo sempre na Europa — e na provincia — tem, nas veias, sangue de sultão rifenho. Nasceu para ser senhor de um serralho povoado com dezenas de odaliscas, frescas, jovens e gentis; mas como a sua situação social, assim como as leis, os costumes e a moralidade do país, não lhe permitiam satisfazer a sua insaciavel glotonaria sexual, viu-se obrigado a usar de um sistema secreto e habilidoso para possuir um harem de uma só favorita, renovada todos os meses por uma pobre virgem que caía na sua armadilha.

Este processo, realmente interessantissimo e ultra-moderno, por meio de anúncio enganador, não é invento exclusivo seu. Possui o sr. J. G. um amigo no Porto que foi, ao que parece, quem inaugurou esse sistema e com tal exito que o sr. J. G., que hoje possui já vários discipulos espalhados pelo país, não hesitou em utilizá-lo...

## A MECANICA DO SISTEMA DO SR. J. G.

Mas — indagará o leitor — qual é o segredo da mecânica deste anúncio? Foi o que a seguir tentámos esclarecer — e esclarecemos.

*Coruche 25-8-1930*  
*Caro sr. J. G. a leitura deste*  
*noto tem aqui feito*  
*me dizer a respeito*  
*de uma*  
*rapariga*  
*que se apresenta*  
*na sua praça e mansão e com um*  
*certa*  
*de 3*  
*de 2*

Fac-simile de uma carta que o sátiro dirigiu a uma das suas vítimas

Ninguém ignora que atravessamos uma crise e que superabundam pessos de ambos os sexos ansiosos de encontrar um ganha-pão decente e tranquilizador. Ora a redacção do anúncio é feita com pontaria certa ás pessoas do sexo feminino que se encontram nessas circunstâncias: promessa de um bom emgrêgo, bem pago, e exigindo honestidade — que é como que garantindo-a. Daí o facto infalivel desse anúncio ser acolhido sempre por seis, oito, dez cartas de «meninas educadas e honestas» pouco desejosas de perder «tal oportunidade». O sr. J. G. lê as respostas, selecciona as que são indicadas pelo seu iaro e carteia-se com as seleccionadas. Graças a essa correspondência estuda o «meio» em que vive a sua futura vítima, informa-se bem se não existe o perigo dum pai, irmão ou noivo que possam depois quebrar-lhe á bengalada as respeitaveis ossaturas toraxicas, até que, visitando a vitima, escolhida entre todas, na residência dela, oferece-lhe os préstimos para tudo quanto necessitar como preparativo de deslocação — porque o emprêgo é em Coruche... —; confessa-lhe a maior urgência em possuir essa nova empregada, e insinua-se-lhe no ânimo, profundamente... «Depressa! Depressa! Nada de hesitações, nada de reflectir, nada de revelar ás amigas *aquela sorte grande que a favorece* — pois éle está assediado com pedidos; os amigos cercam-no com recomendações para outras pretendentes — e éle, que *tem bom olho*, profetiza que melhor escolha não podia fazer e quer, pois, poder esquivar-se ás influências desses amigos». E — como última clausula: «Assim como éle, severissimo em questão de honestidade, tem toda a confiança nessa menina — exige que ela deposite a mesma confiança na sua pessoa! Portanto a ir — é ir sózinha, sem companhias que vexariam a sua dignidade!»

## A ÚLTIMA PROVA

Mas como éle só quer pisar terreno sólido e como por costume as raparigas portuguesas são desconfiadas — pudéra! — éle ceifa as últimas dúvidas e hesitações com um *truc* tão engenhoso como revelador de falta de escrúpulos. Temendo que peçam informações a seu respeito (que boas não podiam ser) dispensa — diz éle — informar-se sobre a sua futura empregada, demonstrando então um grande desejo em apresentá-la á sua familia. Toma um «taxi» na companhia da futura vitima, condu-la ao «restaurant» «Estrela de Ouro»,

(Conclui na pag. 16)

«T. S. F. X» é o posto receptor que «Reporter X» instalou para interceptar todos os «rádios» cochichados pelos cafés, segredados pelos cantos da cidade, bisbilhotados pelos salões, pelos bastidores. Até aqui o potin jornalístico, o boato côr de rosa ou de côr da tinta da China, limitava-se a picar de oxigenio a gente de Teatro... Era o «Retroz Preto»... «T. S. F. X» faz com retroz preto os potins de todas as classes — da literatura, do mundanismo, da imprensa, dos cinemas, etc. etc...



**POLÍTICA AO RAIO X**

Meu caro Reinaldo Ferreira: queres tu que eu te faça, para o «Reporter X», uma secção politica, animada e viva, como se fôsse possível, nesta paz pôdre, mirando as aguas quietas da grande lagôa nacional, em que só coaxam rãs, escrever seja o que fór que tenha seiva e vida, sangue e nervos, altanaria e verdade. Valha-te Deus! rapaz. Enfim, se tu ordenas que, ao menos, escreva *qualquer coisa*, tentemos o impossível. Se os teus desejos sairem mutilados e incompletos, não te desconsoles, que eu tambem não. Mutilada ficou, pelos seculos dos seculos, a Venus de Milo, e já o outro dizia que afinal o que ela tinha a mais era ter os braços a menos... Completo, completo, só o nosso J. D., que ainda mantem, intactos, os seus esplendidos bigodes resistentes a tudo e a todos, e vêm já do tempo em que



os frisava a preceito só para ser agradável a Sua Magestade...

Como tens visto, os Directorios têm reunido e resolvido. E quando os Directorios resolvem, salvo o devido respeito, a coisa é falada. Falada e tétrica. Acontece-lhes o mesmo que ao nosso poeta Sevilha que, quando abre a boca para a metrificacão, quasi nunca entra môsca, porque a asneira é certa. A culpa não é deles. E' do J. R., que pede um congresso como quem pede pão de trigo sem farinha de fava, graças ás vistas certas do Senhor Intendente que Deus conserve por aquela razão da velhota que pedia a conservacão de Sua Magestade, o Pai, não fosse Sua Alteza, o Filho, ser um pouco pior que o seu illustre progenitor. Do J. R. e mais do R.º de C.º, que ali em cima, na rua do Mundo, anda a pedir como se fôsse um mendigo: Falem todos! Falem todos!



Ora tu já viste disparate maior?! Num país de papagatos, se desatam todos a falar nunca mais se calam.



E isso é mau. Isso pode trazer serias e graves consequencias ao movimento dos mundos e á paz octaviana dos povos.

Como queres tu, então, que eu te dê uma secção politica, se a politica está pela hora da morte, e o nosso C. M., o unico jornal que pode falar porque tem com quê, anda ha muito de trabuco em punho a dar cabo dos Parlamantos, dos Deputados e dos Partidos, três das sete pragas do

Egipto, que o C. M. descobri serem a origem e causa de todos os males passados, presentes e futuros...

Não, meu caro Reinaldo, isto já não vai com secções nem com politica. Ou vai com o Homem-macaco, aos pulos no Rossio e no Terreiro do Paço, ou então com o Pinheiro Maluco. Eu opto pelo Pinheiro Maluco. Este, sim.



Este é que tem a veia profetica. E, se não fôsse o respeito devido aos sagrados simbolos, diria que êle é o novo S. João Baptista, annunciando aos herejes do seculo XX a vinda do Anti-Cristo.

Sim, porque eu estou ha muito convencido que o Anti-Cristo já chegou, já cá o temos, na pessoa do sr. Intendente Geral, que não é

de meias medidas, e malha neles como em centeio verde e docil.

E' cada *queijada*, rapaz, que até a moagem deita farinha por todos os póros. Por isso o pão é tão mau. Vem impregnado dos suôres malignos que entupem esses póros, e, só á força do chicote do sr. Intendente, nos dão a negra materia com que os padeiros nos envenenam o estomago.

— Ah! porcalhões dum povo! Se o Pinheiro Maluco um dia sobe ao poder, com o J. D. ministro dos Negocios Estrangeiros, temos a redenção garantida e a eternidade firmada. Enquanto isto se não fizer, não dou nada pela cartada.

Isto ha-de ir assim, aos trambulhões, e será o que Deus quiser.

O que vale é que, agora, já não é preciso usar mascara, e cada um de nós assina com o nome que tem.

Teu devotado amigo



FREI GIL D'ALCOBAÇA

**O «Amor de Perdição,, em Aveiro**

Não chegaria um número inteiro do Reporter X para dar acolhida a toda essa correspondência que recebemos a proposito do caso de Aveiro. A duas cartas apenas queremos dar ainda o revêlo merecido — uma porque acrescenta alguns pormenores curiosos, outra, porque, sendo escrita e assinada pelo atingido, nos merece respeito porque não negamos seja a quem fór o direito de defesa, que é sagrado.

**Alguns pormenores interessantes**

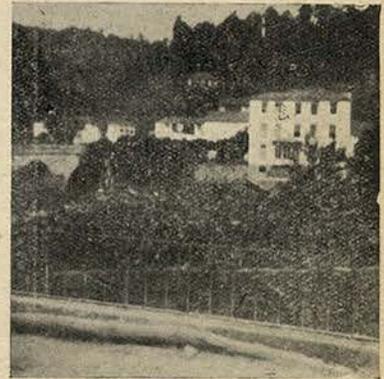
Da primeira carta — assinada por um hospede do Hotel Vouga, que nos pede sigilo do nome — extraímos as passagens mais interessantes:

«Há no *Amor de Perdição em Aveiro* uns pontos que não são absolutamente certos, devido, talvez, a más informações, que peço licença para corrigir, e outros que completam o seu relato, e que são do meu conhecimento pessoal.

O Anselmo das Freiras encontra-se realmente em S. Pedro do Sul, mas não hospedado *no seu castelo* como se declara no ultimo numero. Encontra-se com a esposa e a mãe desta no Hotel Vouga. Tem ali um carro fechado que êle guia.

Eu tambem estava hospedado no mesmo hotel. E porque a sua entrada cau-

sasse entre os hospedes um certo reparo, não descansaram enquanto não souberam a sua história. Comecei a examiná-los, interessado, e, uma noite, de volta do Casino, ouvi uma pequena altercação num quarto do hotel. Era a voz de Maria Te-



O hotel onde estão os noivos hospedados

resa, que eu já conhecia, que exclamava, indignada:

— O senhor é um miseravel! Parei um pouco por curiosidade, mas não ouvi mais nada. Talvez tivessem ouvido os meus passos no corredor.

(Conclui na página 16)

# Como se faz escravatura branca em Portugal

**Desvenda-se o mistério do cantador de olhar dóce e queixada mastodóntica — Aninhas fica sonhando com a percentagem prometida — Rua da Rosa n.º 134, primeiro andar esquerdo — Na ante-câmara dos mercadores de carne branca — Dois tipos diferentes de mercadoria para exportar: um fute e outro melancólico**

para melhor realçar as suas graças e até já condescendia em tirar um retrato comosmo no quintal, batido pelo sol, lá junto do muro que se alcançava passando entre um renque de tomates.

A Africa, lamo-lhes nós dizendo, estava-se transformando em melhor negócio de mulheres do que a própria América. Era um continente que entrava em franca prosperidade. «Podíamos ganhar muito dinheiro».

E ela foi confessando que ainda havia pouco tempo fizera uma despesa de um conto e setecentos escudos em moedas e estava muito precisada de notas.

Nós reservar-lhe-íamos uma boa percentagem sobre cada mulher engajada, mas havia de nós arranjar raparigas que não fossem ainda prostituídas, honradas ou pelo menos semi-virgens, que conservassem um pouco do pudor que encantava mais os homens do que as desvergonhas de certas profissionais.

Poucas ela nos poderia obter em tão exigentes condições. Quando necessitava de mulheres honestas, isto é, que desconhecemos o meio do vício — porque acontecesse haver quem lhe peça dessas raparigas — ia a Lisboa falar com umas amigas que só tratam desse género. Se fosse do trivial, ali no Olimpia Club, em Lisboa, encontrava-as com facilidade.

Quando, terminada a refeição, nos retirávamos para dar uma volta por Santarem, fazendo horas para depois concluímos o negócio com Aninhas, tínhamos compreendido tudo: o da face abaluchada, muito conhecido em Lisboa, era um viciado, um homo-sexual, que estava vivendo à custa do rapazote adamoado que nos servia, um dos donos do restaurante.

— Mas tu não deixas de me dar a percentagem? — inquiriu ela, fitando-nos.

— Não costumou voltar com a palavra atrás! — exclamámos, quasi solenes.

Ela, então, chamou-nos a um recanto do quintal, onde medravam umas plantas aquáticas sob a sua calcinante, e murmurou, informando-nos: —

— Tu vais à rua da Rosa e procuras a Dona Carlota ou a Branca. Elas estão muito habituadas a tratar desses negócios. Contratam raparigas para fora...

Baixou mais a voz e falou-nos ao ouvido, Respondendo-lhe: —

— Oh, Aninhas, fica descansada! Ninguém te comprometerá. Sou a pessoa mais discreta do mundo.

E ditas estas palavras fômos, para selar o pacto, beber mais uma cerveja na sala de visitas, penumbrosa, fresca, acolhedora...

NA RUA DA ROSA, 134, SUBINDO UMA ESCADA ESCURA E SUJA

O jornalista, para bem se desempenhar das suas funções, é, por vezes, forçado a usar de qualidades históricas, que nem sempre possui. O redactor do *Reporter X* que incumbimos de averiguar na rua da Rosa que se trata da verdadeira fonte de informações da Aninhas, de Santarem, alia a um apurado faro de jornalista raras facultades de actor. Para descobri-la a pista dos mercadores de carne branca, fez-se de próprio passar por *mangueira de blanc*, a semelhança do que havíamos feito em Santarem.

— E' aqui na escada ao lado — disse-lhe um caixairo de capelista junto de quem o nosso redactor procurou informar-se.

— E que espécie de casa é essa? — inquiriu o jornalista.

O rapazote deu um geito ao rosto que exprimia um pensamento malicioso.

— Suspeita? — inssitiu o redactor do *Reporter X*.

— «Aquilo» — murmurou o caixairo em tom de confidência — está como casa particular, mas recebe visitas suspeitas.

O jornalista não quis mais informes. Aqueles bastavam-lhe. Meteu pernas a caminho, entrou no numero 134. Era uma escada suja, nauseabunda, que mergulhava em opaca escuridão. Subiu a escada ingreme aos tropeços e foi bater no primeiro andar, esquerdo. Abriu-se uma porta e surgiu na penumbra a silhueta de uma velha repelente, inquirindo o que desejava.

— A dona Carlota está? — preguntou o redactor, com um certo ar de intimidade.

A velha sumiu-se por momentos e tornou amavel, sorridente, um sorriso que dir-se-ia uma careta.

— Faça favor de entrar... Por aqui, por aqui — dizia elle, conduzindo o visitante através de um corredor escuro que

desembocava em uma saleta de espera que desempenhava tambem as funções de casa de janitor.

E enquanto esperava, o visitante olhava toda aquella treva suja e viscosa, tão diferente da castinha limpa, quasi amavel, com o seu quintal semeado de plantas raquíticas, que eram o lenço de Aninhas, de Santarem.

UM TIPO CLASSICO DE PROXENETA REPUGNANTE UMA PERSONAGEM INESPERADA

A tal Dona Carlota que a Aninhas, trêmula de respeito, evocava em Santarem, surgiu então. E' um tipo vulgar no Bairro Alto. Atarracada, carnes flácidas, baldas, buço pronunciado um pouco salto nos lábios, tem todo o aspecto intuíto de proxeneta.

O nosso redactor evocou o nome e a expressa recommendação da Aninhas, de Santarem, o que teve o condão de espalhar no rosto primeiramente intrigada da megera uma relativa confiança.

Conhecia muito bem a Aninhas. Não conhecia ella outra coisa. Muito bô rapariga, não desfazendo.

— Pois bem — disse o jornalista — ella informou-me de que a Dona Carlota nos poderia arranjar algumas raparigas para um *cabaret* que vai abrir no Lobito.

A frase fóra talvez contemporânea porque a proxeneta, não estando completamente tranqüilla, respondeu com evasivas: que não conhecia ninguém... que não yia nada que conviesse... que sim, que enfim... que...

Então, o suposto *caftan* reclinou-se para trás na sua cadeira, tomou ares importantes, bafou o fumo azulino de uma cigarrilha de laxo e explicou detalhadamente o negócio, o grande negócio do Lobito que os leitores já conhecem. E haveria comissões, porque o sr. Mario Fonseca, um africano riquíssimo (tomáramos nós do dinheiro dele) de quem era secretário, tinha fama de generoso, um mios rotas...

A megera teve no olhar algumas scintillações de cubica. Havia comissões... Começava a ter confiança naquêle rapaz que lhe falava com tanta naturalidade de um negócio que elle conhecia a fundo. Um sorriso feiti abria-se-lhe na face antipática e enrugada.

Interpeo-lhe o extase, o sonho in-

timio que as palavras do visitante haviam gerado no seu cerebro mesquinho, a entrada de uma nova personagem.

Era a menina Ivone, uma rapariga que se passava a vida a fazer o *caftan*, cumprimentou com um sorriso, enquanto tirava da cabeça galante o chapelinho de feltro.

UMA QUE QUERE LEVAR O PAGAGAUO — UMA FLOR DE TERNURA CAIDA NA LAMA

Dona Carlota pô-la ao corrente do que se passava. A figura misteriosa do *cabaret* aflorado, a cidade do Lobito, o *cabaret* bulgioso frequentado por gente de dinheiro, as mil e uma probabilidades de encontrar um apaixonado velho e rico, tudo perpassou simpática, que tinham o condão de transformar os vocabulos banais em imagens luminosas, fascinantes.

Ivone escutou de olhos deslumbrados, sorri venturoso na face atraente. Lia-se-lhe no olhar o efeito das palavras da velha, que lhe caíam, gôta a gôta, na alma como pingos de um perfume estonteante. Ella é uma filha, uma criança rica, tudo perpassou simpática, que tinham o condão de transformar os vocabulos banais em imagens luminosas, fascinantes.

— Eu tambem quero ir! — exclama, não podendo conter o seu entusiasmo.

— Pode ganhar-se muito dinheiro? E como se encontra? Por isso veio me pagagauo?

— Dá-me licença, Dona Carlota? — pergunta de súbito uma outra voz feminina.

Era uma linda figura de mulher. Alta, bem modelada, o rosto correcto vagamente ensombreado de melancolia, a nova personagem tinha um que de distincção que se revelava pelo linguameço pela linha do seu porte quasi magestoso.

Baixou a cabeça agra, cumprimentando. Depressa entrou na conversa que tanto entusiasmava a Dona Carlota e a menina Ivone, que tinha muito amor ao

seu pagagauo. Mas a atenção do nosso redactor? incluía de preferência sobre aquella mulher melancólica, que se sentava a um lado, escutando-o com o olhar triste perdido no vácuo.

Tinham vindo as cervejas que a criada repelente collocara sobre a mesa, sumindo-se em seguida. A Ivone, sentindo-se quasi na hora da abalada para a terra da fortuna, regateava agora as condições do contrato.

— Os senhores são d'ão quinhentos reis para *toilette*? Acho pouco. Menos de um conto de reis não é nada... E meo pagagauo? Posso ou não posso levar o pagagauo?...

Maria Alice, abstrata, afagando dis-



O nosso redactor saindo do n.º 134, doRua da Rosa

traidamento o copo da sua cerveja, pensa. Ele que meditará aquella mulher tão linda e, provavelmente, tão infeliz?

UMA NOTÁ COMOVENTE  
A VELHA AFOGA SAUDADES DA JUUVENUDE EM LOURA CERVEJA

— Então, que decide? — pergunta-lhe brandamente o jornalista, enquanto Ivone e a megera discutem as vantagens do contrato.

— Eu? — murmurou Maria Alice, com um sorriso doce e triste. — Nada. Tenho duas filhas que não posso abandonar.

Calou-se, pensando. Bebeu lentamente um gole de cerveja. E depois prosseguiu em voz mais emocionada e branda: —

— Sou infeliz e não quero que as minhas filhas venham a ser tão desgraçadas como eu. Divorci-me há pouco tempo. Meu marido não me merecia... Hoje (e humedeceiram-se-lhe os olhos) não quero saber de mim. Se penso no futuro daquellas duas crianças, se a minha mãe tirasse de dificuldades, iria. Sim, não me importava de ir, nem que fosse para o inferno...

(Continua no pag. 18)



A rua das Livrarias, em Santarem, velha, tortuosa...

sofreguido e molhou com abundância a gúela encalmada, tomando seus olhos um brilho mais intenso, e os dois dedos desconhecidos, estabelecida a confiança, conversaram de Lisboa, que muito bem conheciam, aliando à conversa um outro rapazote flémundado, e ademans suspeitos, que nos servira à mesa.

À Deolinda, depois do bife, quedou de olho terno a escutar os lados, cada vez mais sentimentais, que o rapazote terno da queixada ameadora e imberbe ia gargalejando. Colada, ella sonhava, o olhar nostálgico, com o Lobito distante, onde encontraria a felicidade.

Quando, terminada a refeição, nos retirávamos para dar uma volta por Santarem, fazendo horas para depois concluímos o negócio com Aninhas, tínhamos compreendido tudo: o da face abaluchada, muito conhecido em Lisboa, era um viciado, um homo-sexual, que estava vivendo à custa do rapazote adamoado que nos servia, um dos donos do restaurante.

ANINHAS, ANTE A PROMESSA DE BOA PERCENTAGEM, FORNECE INDICAÇÕES SEGURAS

A Aninhas já nos esperava ansiosa para a conclusão do negócio. Desencantara o seu melhor sorriso, mudara de vestido

## O sátiro de Coruche

(Continuação da pag. 12)

da Rua da Prata, e apresenta-a a sua esposa legítima e legítima filha!!! Esta senhora, ao que parece, acolhe estas apresentações com uma reserva febril, silenciosa e amedrontada. Ela sabe por longa experiência o que significa esta gentileza do marido; mas este domina-a por tão misteriosos e potentes fluidos que a pobre esposa não ousa sequer chorar diante da nova e inconsciente rival. Um homem que sujeita a própria mulher e a própria filha à cumplicidade mais do que passiva das suas ignominias de sátiro — não necessita de adjectivo.

E nessa ocasião que o bom e honesto sr. J. G. surpreende a futura vítima com o último engodo. O trabalho a que ela vai destinada é de poucas horas; tem casa na sua casa; mesa na sua mesa; — e além disso receberá 400 escudos mensais, ordenado que, afirma ele, nenhuma consegue ganhar em Lisboa. Se a proposta é aceite; se as desgraçadas, ou accossadas pela miséria ou fascinadas por tão belo paraíso, seguem para Coruche completamente desacompanhadas (visto que o *honesto* comerciante, que paga em dia todos os compromissos, é intransigente em tais assuntos e não leva para sua casa quem, depois de conhecer a família, não lhe quere dar a prova de confiança e independência — textual — de ir sózinha a tomar conta do emprégo); se elas seguem para Coruche, dissemos, pouco tempo conservam as suas ilusões. Sentem-se como que enclausuradas; não vêem outra pessoa que não seja o sr. J. G.; não têm a quem pedir auxílio; as cartas de S. O. S. para a família são-lhe escamoteadas; e, ou a bem, por insistência e promessas, ou à força, pela violência e por cansaço — acabam por perder aquêl tesouro que é o único dote das raparigas pobres: a pureza.

O sr. J. G. manobra rapidamente; não perde tempo. No fim dum mês fariou-se da nova amante, despede-a ou entre ameaças de escândalo ou entontecendo-a com algum dinheiro, de forma a fazer-se silêncio em redor do seu crime, que ficará, como os anteriores, em fôfa impunidade... E enquanto a infeliz regressa ao lar amarfanhada pela dor, perdida para sempre — um novo anúncio, uma nova cilada é preparada pelo sr. J. G., que não tardará em levar a Coruche a vítima correspondente ao mês que entra... E se os senhores quereem ter a visão numérica do que tem sido a obra do sátiro de Coruche — contem os seus anúncios porque cada um representa, com raras excepções, uma nova rapariga deshonrada.

### OS OUTROS SÁTIROS

Para melhor conhecimento dos nossos leitores transcrevemos a seguir uma carta do sr. J. G. insistindo para que uma das suas vítimas aceite a sua proposta e que vá só — carta essa cujo autógrafa foi fotografado e publicamos também:

Ex.<sup>ma</sup> Senhora:

*CORUCHE, 12/8/930. — Como não sei se aí irei esta semana visto haver aqui festa venho pedir-lhe me diga se continua na mesma disposição em que a deixei quando vim. Calculo que sim e por isso estou fazendo conta com a sua pessoa estando eu e os meus na melhor disposição a seu respeito, na proxima semana tenciono ir buscá-la prevenindo-a com antecedencia do dia em que vou, deve fazer conta de vir só comigo pois que não altero a norma seguida com toda a pessoa que vem para minha casa e mesmo tendo voçê já conhecido os meus já deve estar bem tranquila sobre a qualidade da pessoa que sou, intransigente em tais assuntos não trago para casa pessoa que me não dê essa prova de confiança e independencia. Desculpe-me a minha franqueza mas não sei ser outra coisa mt.º claro e explicito no que penso e sinto. Peça apresente em meu nome e dos meus respeitosos cumprimentos à sua E. Amiga Sr.ª D. Maria Tereza e mamã e creia-me com subida consideração, etc.*

J. G.

## O "Amor de Perdição" em Aveiro

(Continuação da pag. 13)

Ao outro dia encontrei-os a ambos, ela muito sorridente, êle com cara de feliz. Indagando, soube que era no quarto em questão que dormiam o Anselmo das Freiras mais a esposa.

A mãe deles fica defronte da varanda que deita para o rio Vouga — talvez por ser a mesa que está a resguardo de melhor observação.

A mãe não se cansa de dizer que a filha é muito feliz com o *seu marido*.

### A carta do sr. Anselmo Ferreira

O sr. Anselmo José Lopes Ferreira, a quem largamente aludimos na reportagem intitulada *O Amor de Perdição em Aveiro*, dirigiu-nos uma carta da qual trasladamos para aqui as afirmações mais importantes:

«Devo garantir a V. que o meu casamento se realizou na conformidade da lei e da moral. Realizou-se com inteiro assentimento de minha esposa. Realizou-se depois das conversas e entendimentos que normalmente precedem tal acto.»

Quanto aos antecedentes do casamento, o sr. Anselmo declara que estão tão longe da verdade que nem necessita de lhes tocar. E escreve mais adiante:

«Tenho algumas dezenas de anos de trabalho consecutivo. No commercio e na industria de Aveiro o meu labor honrado tem a testemunhã-lo as pessoas mais qualificadas pela sua vida e pela sua situação social. Todos sabem que nenhuma infâmia existe no meu passado, que nenhuma falta enodoou jámais o meu nome.»

Com estas declarações o sr. Anselmo opõe a sua verdade à verdade contida na nossa reportagem. Está no seu direito. Publicando lealmente as suas declarações provamos ao sr. Anselmo que não atacamos por sistema, antes damos aos atingidos toda a liberdade de defesa.

E como o caso, para nós, já perdeu o interesse, damos por finda a questão no nosso jornal.

Preguntará o leitor como desvendámos todo este mistério e como obtivemos êsse autógrafa. Simples: alguém que nos quis auxiliar, respondendo ao anúncio, e deixando-se manobrar pelo «sátiro de Coruche» — até onde a prudência o permitia.

Mas não julgue que o sr. J. G. é exemplo único, caso impar. São muitos — os sátiros dos anúncios — muitos, não falando do «inventor» portuense da fórmula e dos discípulos do sr. J. G. Alguns dêles conhecemos nós — espalhados pelo país... E se fôrmos lidos por alguma «menina educada e honesta», que se acatele quando vir anúncios dêste género, que se lembre do «sátiro de Coruche» — mesmo que não seja de Coruche...

COSTA JUNIOR

## BOM TEATRO

A época de inverno é inaugurada na sexta-feira, no Trindade, com :- uma peça de Ramada Curto :-

Com boas peças e bons intérpretes não há crise teatral. Sempre mantivemos esta opinião, e as provas em favor dêste argumento são, felizmente, bastantes e concludentes.

Com peças de Ramada Curto, interpretadas por companhias decentes, não há crise teatral — há êxito teatral. Elas contam sempre inúmeras representações e são retiradas de scêna em pleno triunfo.

Ramada Curto, o dramaturgo excelente da *Justiça!*, *Noite de Casino*, *Caso do Dia* e tantas outras peças em que o seu penetrante espirito de observador corre parelhas com uma grande delicadeza de forma, semelhante à graça de Marivaux, à *souplesse* de Verlaine e ao materialismo de Dekobra, vai dar-nos um novo trabalho — *Sua Alteza* — que êle próprio julga assim em uma conversa amiga de café:

— A minha nova peça — *chassis* 1930, não tem têsse. O que não a impede de ser uma peça têsissima. Não se propõe ensinar coisa nenhuma. Se quiserem, limita-se a pôr em conflito três tipos de três classes: aristocracia, burguesia e povo. Não sem dar a ninguem o direito de generalizar. Há daquilo, há muito daquilo. É talvez um aspecto novo no meu teatro, ligeiro, caricatural, sem intensidade dramática. Fará rir? Não sei... Sorrir, faz com certeza. Chorar é que não.

— E está contente?

— Muito. Os interpretes são o mais bem escrito da peça.

Chaby e Lucilia — são êles *tout court*. Brunhilde — distinta e elegantissima. O «velho» Braga deve-me estar grato, por que vai fazer um lindo papel — com as suas qualidades histrionicas e fisicas. Jesuina de Chaby marca uma individualidade como ela sabe. Almada — já todos sabemos o que é e todos o admiram.

Samwel não podia achar melhor para o papel; e Gambôa, Adelina Campos, Maria de Oliveira e os outros, satisfazem-me por completo.

*Sua Alteza*, a nova peça de que Ramada Curto fala com tanto despreendimento, é — e podemos afirmã-lo afoitamente porque lemos algumas das principais scenas — um primor de efabulação teatral. Plena de *verve* e de observação, de traços caricaturais que melhor realçam a verdade das personagens, *Sua Alteza*, que se estreia no Trindade a próxima sexta-feira, interpretada por actores de primeira plana, constituirá mais um retumbante triunfo para o illustre dramaturgo.

# O maior negociante de cabeças humanas

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7)

servadas—mas tão ressequida, tão miniatural, tão pequena, que mais parecia um capricho, um brinquedo, um herloque, do que o crâneo de um homem forte e agigantado, como são quasi todos os Incas. É que, pela sciência herdada daquelas épocas de máxima civilização, os Incas conservam a cabeça dos seus mortos, sujeitando-as a uma série de tratamentos, mergulhos, secagens, alquímias—até que elas se reduzem ao tamanho de uma laranja, ou menos, e fiquem garantidas e imutáveis ante os séculos.

«Essa senhora chamava Mrs. Kate Burroughs; e o regresso à cidade de Lima tinha duas causas. Primeiro: a falência da Companhia por conta da qual o marido trabalhava; segundo: a sentença dum velho litígio pessoal do engenheiro—em que este perdia o que tinha e o que não tinha. Em resumo—a catástrofe. Mas como explicar que, após a posse da cabeça mumificada do Inca, uma subita e inexplicável metamorfose se operasse e que da desventura surgisse uma série infinita de «sortes grandes» em todos os terrenos: chamada do governo, que encarregou o americano de trabalhar por sua conta com um contrato admirável; a oferta de capitais para outras empresas; a cura inesperada de um filho considerado perdido pelos médicos?... Essa sucessão de milagres fanatizou Mrs. Kate Burroughs, que confiou às suas amigas peruanas o que ela considerava como segredo da sua brusca felicidade. E como as peruanas são mais supersticiosas do que as espanholas, suas ascendentes—logo se criou uma verdadeira ansiedade em possuir idênticos «fetiches» humanos. Viajantes do interior foram comissionados para trazerem para a capital cabeças mumificadas dos Incas; e pouco depois foi uma moda generalizada entre as senhoras da alta sociedade de Lima o trazerem, dependurados ao pescoço, uns minúsculos crâneos de índios, ou fechados em estojos ou mesmo exibindo-os na sua sagrada hediondez. E como dois anos depois os esposos Burroughs voltavam enriquecidos, a New-York, sua terra natal, e como Mrs. Kate contou a todas as suas relações a bem-aventurada aventura do Perú—não tardou que os Estados Unidos importassem essa bizarra moda... Hoje não é só nas grandes cidades da América do Norte—é em todas as repúblicas e sempre comprovado pela evidência—que as senhoras mais aristocráticas se colocam sob a protecção das cabeças dos Incas... E era já tempo que a Europa imitasse o novo continente...»

O nosso visitante pronunciara as últimas frases da sua oratória num tom declamado, solene e pomposo; e a seguir, num gesto ridículo de prestidigitador, ergueu-se, colocou a mala sobre a minha secretária e, abrindo-a, rematou:

—É para que as damas europeias conheçam os benefícios sobrenaturais dos Incas que eu re-

solvi embarcar no Rio de Janeiro e desembarcar em Lisboa... Eis os célebres «fetiches»...»

Sem poder conter-me, estremei mais agoniado do que horrorizado... A mala estava quadriculada de divisórias, em cada divisória havia uma cabeça miniatural, mumificada, indiscutivelmente humana, de feições perfeitas e belas; as pálpebras semi-cerradas; as pupilas inexpressivas espreitadonhos; os cabelos negros, lisos, envernizados, fartos, caíndo em madeixas...

## O NEGÓCIO DE CABEÇAS HUMANAS

—Os séculos de uma civilização jámais ultrapassada—prosseguiu o nosso visitante fechando a mala e colocando-a a seus pés, como um domesticador humilhando uma fera—; a sua preocupação pelos segredos de além-tumulo; os seus rituais de aliança entre a morte e a vida fazem com que eu, homem pratico, positivista e moderno, acredite nos estranhos fluidos destas cabeças. Mas se o raciocínio não mo ordenasse, ter-me-ia de sujeitar à evidência dos factos. Adquirir uma cabeça de Inca é comprar a chave de todos os paraísos da terra. Há quasi dois anos que resolvi dedicar-me a esta missão, ligando-me a uma sociedade americana-peruana. Os meus sócios fazem repetidas viagens ao interior do Perú. E como conquistaram a amizade dos chefes índios; e como lhes pagam generosamente; e como o «stock» de séculos é infundavel, fornecem-me tantas cabeças quantas eu necessitar. Percorri o Brasil, a Argentina, o Uruguay, a Bolivia e outras repúblicas do sul do continente. Até hoje coloquei para cima de quinhentas cabeças. A esposa do presidente da República de C... comprou-me, antes de eu partir para a Europa, três «fetiches».

«A Europa só os conhece teoricamente. Faço tenção de realizar uma tournée por todos os países. Mas se comecei por Portugal não é que me iluda com o mercado. E' cedo ainda. Cá voltarei quando for moda em outras capitais. Pouco me demorarei. Uns dias apenas... De Lisboa vou a Madrid e Barcelona—e depois a Paris. Trago comigo duzentas e cinquenta cabeças! Mas só despachei esta mala. Em todo o caso desejaria que o senhor explicasse no seu jornal o segredo d'este talisman—e daí a razão porque vim incomodá-lo... Estou há uma semana em Portugal e apenas vendi três cabeças... E note que para começar, atendendo ao desconhecimento da matéria e à situação do país, tenho feito preços inferiores, preços de réclame: trezentos escudos. Na Argentina chegaram a pagar-me a trezentos pessos—quatro mil escudos.»

O negociante de cabeças humanas estava ofegante. Desencrustou o monoculo e limpava-o a um lenço de seda. Não sabemos qual foi a impressõ

real que êle nos causou: se de ridículo se de repugnancia... Não havia duvida que era pitorresco... Era mesmo uma página do «Reporter X». Aproveitando uma distração fizera sinal a um dos nossos «reporters» fotografos, recém-chegado à redacção... O nosso visitante presentiu os preparativos. Não querendo cometer a indelicadeza de se recusar—procurou, diplomaticamente, esquivar-se à objectiva—oferecendo-lhe a minima quantidade possível de rôsto. Mal escutou o «tic-tac» da maquina ergueu-se e despediu-se com a mesma exuberancia com que, durante uma hora, me alfintetara os ouvidos.

## UM CANIBALISMO MODERNO

Século XX... America. Civilização. Cren-dices mediavais e mercadores de cabeças humanas mumificadas. Ha muito que tinhamos lido na imprensa do velho mundo longas noticias acerca da matéria. E se a nossa memoria não nos falhasse podiamos evocar uma dessas noticias... Que a moda do *fetich* das cabeças mumificadas tomara uma tal extensão morbida; que essas cabeças mumificadas eram apenas de uma tribu Inca e que a maioria dos templos onde, durante séculos, elas se acumulavam, tinha desaparecido; que, portanto pequeno era o «stock»; que certos chefes índios peruanos, fazejando belo negocio com a venda dessas cabeças aos brancos, tinham resolvido... adquirir matéria prima para essa nova industria, espécie de canibalismo moderno, assassinando os seus subditos; destroncando-lhes as cabeças; mumificando-as á pressa e impingindo-as depois aos compradores como mui antigas; que o governo do Perú, alarmado com essa denuncia, prohibira severamente esse negocio e essa moda...

Nestas circunstancias, que significava a viagem do maior negociante de cabeças humanas? Aquellas cabeças que eu contemplei; as cabeças que duas ou três senhoras portuguesas, segundo a sua confissão, compraram e trazem naturalmente ao peito, pertencem ao «stock» secular ou representarão um crime recente? Pertencem aos Incas mortos em batalha ou de morte natural lá longe, em qualquer século distante, ou aos que os chefes cubifosos assassinaram recentemente? Será de facto um *fetich*; mas tambem, indiscutivelmente, uma respeitavel porcaria...

R. X.

N. do A.—A visita que o maior negociante de cabeças humanas nos fez data de ha duas semanas; retivemos esta página todo o tempo necessario para aguardarmos a sua partida, visto que não queriamos o remorso de termos favorecido, com o nosso réclame, esse tráfico horrivel.

## Se pretender

já hoje lhe entregaremos

A GRAFONOLA  
da marca que lhe interessar  
O APARELHO RADIO  
do modelo que preferir  
OS DISCS  
com assuntos de que mais gostar  
OU A GABARDINE  
que melhor lhe servir

bastando somente inscrever-se  
nas nossas VENDAS A PRESTAÇÕES  
com bonus (sem aumento de preço)

CASA DOS GRAMOFONES

Sede — 588-R. DO BOMJARDIM-590  
Filial — 397-R. DO BOMJARDIM-397  
Telefone, 2609 — PORTO



## BANCO LISBOA & AÇORES

SOC. ANON. RESP. LIM.—Fundada em 1875

Capital Esc.: 10.000.000\$00 Reservas: 7.050.000\$00

Depósitos á ordem e a prazo—Descontos—Cobranças

COMPRA E VENDA de cheques e letras s/ o Estrangeiro. Contas correntes com juros em Esc. ou moeda estrangeira. Cárta de crédito s/ o País e Estrangeiro. COMPRA E VENDA de Fundos públicos, títulos diversos, coupons, notas de Banco, moedas de ouro e prata estrangeiras. Guarda de títulos. Empréstimos com garantia de títulos. Ordens de Bolsa de Lisboa, Porto e todas as praças do Estrangeiro. Cofres de aluguer. Administrações de propriedades.

Sede em Lisboa — RUA AUREA, 88

Filial no Porto — AVENIDA DAS NAÇÕES ALIADAS

Este número foi visado pela Comissão de Censura

# O ascensor ESCRAVATURA BRANCA das surpresas

(Continuação da pág. 15)

(Continuação da pag. 11)

pelas ruas durou cerca de duas horas. A última paragem foi em Alexandre Herculano. Depois começou a trajectória do regresso, uma trajectória mais rápida e curta, sem intervalos nem irradiações; e à medida que se a proximava da Avenida da República, o corpo ia desempenando-se, endireitando-se, perdendo tremuras, firmando o passo — como se a duchasse uma água milagrosa curando-a de todos os males e dores e cansaços, por divina piedade... Já parecia outra, quando entrou de novo na porta de serviço da casa de Celeste. Estacionei uns minutos, mastigando cigarros em vez de fumá-los; e ao partir espreitei a janela do quinto andar: D. Maria Carlota debruçava-se sobre a avenida, de kimono japonês, mais *coquette* e austera do que nunca...

## A ÚLTIMA SURPRÊSA DO ASCENSOR

Eu não estava tranqüilo com a minha consciência. Celeste escrevia-me todos os dias... Era preciso rematar o que começara. Foi duas noites depois do *raid*. Assisti à saída da velha mendiga e não lhe fui na pegada. Para quê? Alguem, por uma tirania das coincidências, me falara duma «velha fidalga que envergonhadamente pedia esmola» e não podia ser outra. Esse alguém contara-me o que me faltava saber nesse ponto. A «velha fidalga» de sangue real tinha cientes certos em todas as avenidas — com dia fixo de ir buscar a esmola, que variava de um tostão a cinco escudos. Certa vez o coração — disseram-me — vê-la tão velhinha a falar na miséria dos netos e das águas-furtadas onde viviam — ela, que casara secretamente com um príncipe e conhecera o esplendor dum palácio imperial...

Não! Não me interessava segui-la. Esperei que voltasse. E logo que entrou no patio, dobrei o angulo da avenida e avancei pelo vestíbulo no preciso momento em que a «pobre velha» fechava a porta gradeada do ascensor. Mal ouvi o anti-pático zumbido metálico do motor — pulei para o primeiro lance e cheguei ao primeiro andar... antes do elevador. Iria parar como de costume? Sim... parara! Chegara a hora das grandes resoluções. Apertei os dentes como um doente de paladar sensível ante um copo de óleo de ricino e, dum gesto decidido, meti o braço pelo quadruculado metálico da porta, levantei o gancho do contacto, para evitar que subisse antes do tempo, e fechando os olhos, como uma criança, escancarei a porta. Não erguera ainda as palpebras quando um grito me alfinetou a alma — um grito que nasceria para ser berro e que fôra logo covardemente abafado, num doloroso gemido.

— Mil perdões... Eu não sabia. Eu ia a travar o...

... julgava que... E enquanto tartamudeava estas desculpas ia recuando e ia... vendo. D. Maria Carlota... tendo na banqueta uma cabeleira postiça, o casaco no-jento e encardido e a pele... de *penas de galinha*, e a seus pés a mala de couro, aberta, vendo-se no interior um par de sapatos novos e «chics», estava timpando, apressadamente, ao espelho, com glicerina e um lenço, as tintas que a maquilhavam de velha muito velha e muito martirizada pela doença e pela fome — reaparecendo, sob elas, o seu rosto sadio, austero e formoso ainda... Por isso a demora, as paragens e... a mala de couro... Fugiu — com remorsos do que fizera.

Já lá vão doze anos — ou mais. Comentários para quê? Da satisfação de todos os luxos, passara para a miséria... Resignara-se durante algum tempo. Depois, a nostalgia do luxo — e o amor

O jornalista, escutando-a sinceramente emocionado, sentia que lhe faltavam as forças para continuar representando a comédia que, perante as outras mulheres, ambiciosas e futeis, era tão fácil. A dor de Maria Alice estava acima da moral réles que a cercava.

— Para ir para o Lobito — prosseguiu ela — preciso de deixar qualquer coisa a minha mãe, que garanta o sustento das pequenas. Não as quero a cargo do pai, que é um patife.

E a Dona Carlota, afagando o buço e olhando intencionalmente o visitante, incitava-as:

— Vocês devem ir, raparigas. Bem sabem que só as aconselho para a vossa felicidade. Têm propabilidades de encontrar um velho rico que as garanta para

toda a vida. Aquilo são boas terras. Ah, se eu tivesse a vossa idade, bem eu sei quem iria!...

E afogou as saudades da juventude em um grande e ruidoso gole de cerveja.

REPORTER MARIO

(Continúa)

NO PROXIMO NUMERO:

## COMO SE FAZ ESCRAVATURA BRANCA EM PORTUGAL

III — Onde é o armazem da carne virgem — O nome do enganador do Porto — A miragem do ouro

PARA O TEMPO QUENTE

**TODDY FRIO**

UM REFRÉSCO E UM ALIMENTO RECONSTITUENTE N'UMA SÓ BEBIDA.

Prepare o seu **TODDY** com um agitador

AVENDA EM TODA A PARTE

*Mantua, Lda*

29 C. DE S. FRANCISCO 57 - LISBOA



O trampolheiro: — Vendo este tónico há vinte e cinco anos e nunca ninguém disse mal d'ele.  
Um importuno: — E' porque os mortos não falam!...

pelos filhos... noites a reflectir buscando ansiosamente uma salvação milagrosa... Estaria talvez ainda suficientemente bela para a encontrar nesses vestígios de antigo esplendor físico. Repugnou-lhe o processo — o que só a lisongei. Quanto não teria ela hesitado ante a ideia daquele outro processo de vida? Era inteligente — e estudou a empresa meticolosamente... Fizera a primeira experiência... Exitó... Repetiu-a; acabou por meto-dizá-la... Mudou-se para as Avenidas. Não queria que os filhos, nem por sombra, o suspeitassem. Onde se fregolizaria para a pedincha? O ascensor devia ter sido o segrêdo do aluquer daquele quinto andar — porque no ascensor improvisaria, todas as noites, o seu camarim de comediante...

Perdi as cartas de Celeste... Nem uma só conservo... Vi-a há dois anos pelo braço de um advogado com certa fama e com um lindo *baby* pela mão. Ela reconheceu-me e as faces coloriram-se-lhe...

Que pensará ela de mim e daquele recado ur-

gente e esquecido que me arrebatou do seu lado, em pleno idílio, para nunca mais tornar a aparecer-lhe? (!)

*Reporter*

A proxima «Reportagem ás Avenidas» intitula-se: «O vampiro que nós conhecemos...»

(!) — Já depois de terminado este episodio e tendo-o lido a um amigo, fui informado de que D. Maria Carlota faleceu em 1925, depois de ter casado a filha e formado o filho, que hoje exerce medicina no Porto. Houve quem suspeitasse dessa morte, pelo seu imprevisto e... por outros sintomas.

# BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital — 13.500:000\$00

SÉDE — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Caixa filial no Porto

Agencias em todas as capitais dos distritos administrativos do Continente e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã, Elvas, Extremoz, Figueira da Foz, Guimarães e Lamego e correspondências privativas em Moura, Olhão, Portimão, Torres Vedras e Vila Real de Santo Antonio

Correspondentes nas principais terras do País e nas mais importantes praças do Estrangeiro

Vista-se com sedálias, isto é, com tecidos de seda da Fábrica

## SEDÁLIA

**GANDARELA & S. MIGUEL, L. DA**

220, Rua Duque Saldanha, 222 — PORTO

Telefone 5292

## INSTITUTO PORTUGAL

Estabelecimento de ensino para ambos os sexos. Aulas diurnas e nocturnas

Séde — Rua da Palma, 132 (Edifício próprio)

I.ª Filial — RUA DE ARROIOS, 170 — Telef. N. 6484 - Lisboa

E' o preferido por todos os estudantes, pelas suas modelares instalações e corpo docente competantissimo. Recebe alunos para os cursos de:

LICEU (letras e sciencias) com laboratorios de fisica, quimica e museu de sciencias naturais. COMERCIO (teorico e pratico, como nas grandes companhias)

Prepara: Dactilografias, taquigrafias, correspondentes, caixas, guarda-livros, chefes de escritorio, etc.

LINGUAS, por professores da nacionalidade

INSTRUÇÃO PRIMARIA, (infantil e adultos)

Musica e canto, Lavoies, Gimnastica, Equitação e Natação

CURSOS ESPECIAIS PARA INDIVIDUOS EMPREGADOS

PREÇOS MODICOS

Ao fazer as suas compras,  
não esqueça a conhecida

## Camisaria Serra

que é a casa que mais barato vende e melhor sortido tem em Camisas, Gravatas, Peugas e Artigos de novidade. ≡

281, R. Mousinho da Silveira, 287 — PORTO

**Mendonça, L.**

COMPRA E VENDA  
DE PROPRIEDADES

COLOCAÇÃO DE CAPITAL  
EM 1.ªS HIPOTECAS

**ROCIO, 74-1.º**

COMPANHIA PORTUGUESA  
DE TABACOS

Arrendataria das fabricas do Estado

Expíndida marca

**Azes**

10 CIGARRILHAS  
PREÇO EXCEPCIONAL  
70 CENTAVOS

## Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Palácio do Calhariz — LISBOA

Telegramas — ARGENTARIA

Telefones — (P. B. X.) 2 0461, 2 0462 e 2 0463

Depósitos.....	1.280.000	contos
Activo.....	1.412.800	»
Reservas.....	65.000	»
Títulos em carteira.....	545.206	»

Caixa Geral de Depósitos,  
Crédito e Previdência

Depósitos á ordem, e a prazo e obrigatórios.

Operações bancárias.  
Empréstimos hipotecários.

Caixa Nacional de Crédito

Crédito Agrícola.  
Crédito Industrial.  
Empréstimos a curto prazo, desconto de warrants, financiamentos, empréstimos a 5, 10, 15 e 20 anos.

Operações Coloniais.

Caixa Nacional de Previdência

Aposentações.

Casa de Crédito Popular

Os serviços da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência encontram-se assegurados por:

Filiais.

Agências.

Delegações.

Agências da Casa de Crédito Popular.

Caixas de Crédito Agrícola Mutuo.

Num total de 455 dependências que o maior organismo bancário português põe á disposição do público.

No Brasil a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência é representada pela

AGÊNCIA FINANCIAL

Rua 1.ª de Março, 108  
RIO DE JANEIRO

**BREVEMENTE :**

74  
21  
—  
570  
48  
—  
180  
33,8  
—  
52,3

47  
72  
—  
94  
329  
—  
5589

# **NOVELA**

---

# **POLICIAL**

---

A mais sensacional colecção literária.  
Todas as semanas uma novela empolgante de aventuras emocionantes. Os melhores assuntos. Os melhores autores

---

Todas as semanas 16 páginas  
Uma novela completa  
Bela apresentação  
Capa a duas cores

**PREÇO 1 ESCUDO**

— DIRECTOR DA NOVELA POLICIAL: —  
REINALDO FERREIRA (Reporter X)

**Brevemente**  

---

**Brevemente**  

---